

# OS MODELOS CLÁSSICOS: UMA APROXIMAÇÃO INTERTEXTUAL ENTRE OVÍDIO, POETA LATINO, E OS CANTADORES REPENTISTAS DO NORDESTE

Eliana da Cunha Lopes

RESUMO: Pretende-se estudar a obra poética Heroides XVI e XVII do poeta Ovídio, poeta latino do século de Augusto, e os desafios poéticos dos cantadores repentistas Minervina Ferreira e Mocinha da Passira. Trata-se de uma análise intertextual que tem sua matriz na cultura Greco-latina com Homero, Virgílio, Ovídio entre outros cujas obras clássicas nos mostram claramente que a arte da cantoria ou dos desafios atravessou séculos, com suas diferentes maneiras de cantar, desafiar, louvar, criticar etc. Inicialmente, fez-se uma revisão bibliográfica partindo-se de Kristeva, Baktin, Marcuschi entre outros, As reflexões foram direcionadas para uma pesquisa de natureza qualitativa, efetivada por abordagem plurimetodológica, tentando encontrar identidades e diferenças nas relações intertextuais e interdiscursivas. Para se atingir o objetivo proposto, confrontam-se os *corpora*, observando-se que nas Heroides o hino de amor nelas entoado eternizou-se através dos séculos pois, a arte de seduzir e deixar-se seduzir será sempre atual e eterna. Nos versos dos cantadores repentistas, o ambiente rústico ligado ao sertão favorece aos poetas populares a fazerem, através de suas cantorias, toda a forma de denúncia, diante dos problemas por eles vividos; na Heroides XVII este refrão faz-se presente no campo imaginário, nas paixões contidas, no querer entregar-se, na linguagem erótica que envolve os amantes. Ao término de nossa abordagem, concluímos que desde os séculos mais remotos, o homem sentia necessidade expressar seus conflitos amorosos. Para isto, utilizava-se do jogo poético da sedução e da luta por um futuro melhor lançando mão da arte, da eloquência e da retórica.

Palavras-chave: Literatura latina; Ovídio; Cantadores repentistas.

## 1. INTRODUÇÃO

*Para o presente estudo fizemos uma abordagem que se iniciou na cultura greco-romana e, como corpus, utilizamos a obra Heroides XVI e XVII (Heroidum Epistulae) do autor latino Ovídio. Passamos pelas primeiras manifestações da literatura em Portugal, através das cantigas trovadorescas dos poetas- trovadores da Idade Média. – As Cantigas de Amigo. Continuando nosso estudo, chegamos aos cantadores repentistas da região nordeste do Brasil nas figuras de Minervina Ferreira e Mocinha da Passira, onde o ambiente rústico ligado ao sertão favorece aos poetas populares a fazerem, através de suas cantorias, toda a forma de denúncia, diante dos problemas por eles vividos.*

*Ovídio foi o último grande poeta da época de Augusto, que ficou marcada na história da Literatura Latina, como o período da PAX ROMANA.*

*Virtuosíssimo na forma, adepto do culto das belas aparências, Ovídio descreve com mestria os costumes e hábitos de sua época. Serão apresentados alguns trechos traduzidos e adaptados à linguagem atual e procurar-se-á mostrar a beleza do texto original e despertar no leitor o verdadeiro valor da obra latina. Mostraremos que o texto Heroides é antigo, mas que o hino de amor nelas entoado eternizou-se através dos séculos pois a arte de seduzir e deixar-se seduzir será sempre atual e eterna.*

O que Roma e o império deviam a Augusto e a seu amigo Mecenas é testemunhado nos poetas da época augústea que dão asas à sua fantasia. A

poesia desta época não é adulação, mas a expressão de um sentimento genuinamente romano no qual a personalidade marcante do Imperador soube influir, sem prejudicar a inspiração e o talento poético.

Augusto é considerado o salvador que foi enviado para fazer cessar as guerras e ordenar todas as coisas. Através dele, vieram, as boas novas. A providência não apenas atendeu, mas excedeu aos anseios de todos. A paz reinou na terra e no mar. As cidades floresceram em ordem, harmonia e prosperidade. Há fortuna e abundância de todas as coisas boas. Os homens estão cheios de esperança no futuro e de alegria, no presente. Os escritores desta época defendem o novo projeto político que preconiza, entre outros pontos, a recuperação dos antigos valores romanos, no campo social, moral e religioso.

Os poetas da época augustea: Virgílio, Horácio, Propércio e Ovídio chamaram-no deus; mas Augusto age como simples cidadão Romano.

A época de Augusto -**PAX ROMANA**- é caracterizada pela gratidão e esperança. O Imperador fecha o templo de Jano em sinal de paz. Celebra os *ludis saeculares* para purgar os pecados do passado.

É sob este império, que o poeta Ovídio, o poeta da elegia erótica, constrói sua trajetória e escreve.

Dignus Roma locus quo deus amnis est.

(Roma é um lugar digno de que para lá vá todo deus.)

***Ovídiorepresenta muito bemo espírito frívolo e indisciplinado de sua geração. É o representanteda nova aristocracia em que os indivíduos não são mais modelados por uma tradição forte e uma educação sistemática, mas, expostos e opostos, podem desenvolver-se livremente em todas as direções e terminar tanto no vício como na virtude, no heroísmo como na covardia, na austeridade como na depravação, na inteligência como na estupidez. Os bons, os medíocres, os maus confundiam-se nesses ramos como na própria família de Augusto, a qual, por sua vez, era digna representante dessa época. Ovídio, como poeta engajado em seu tempo, escreve sobre esta época. Mas a justiça romana, na pessoa do amigo e admirador Augusto, não lhe poupou condenação. E, por um Carmen et error, o poeta das Heroides viu eclodir sobre sua cabeça a ordem de Augusto intimando-o a abandonar Roma imediatamente e terminar seus dias no último reduto do Império Romana, o Ponto Euximo. A obra de Ovídio caracteriza-se pela forma bem trabalhada, pelo culto das belas aparências e a simpatia por um erotismo refinado. Da vasta obra ovidiana, serão destacadas as Heroides XVI e XVII por representarem verdadeiro hino ao amor e a arte de seduzir, onde o erotismo se faz presente entre os amantes. O conjunto das Heroides caracteriza-se pela criatividade na composição e pelo tom absolutamente novo conferido à lenda: um tom atual, mundano, elegante e, acima de tudo, romano. Esta obra ovidiana é constituída de cartas fictícias escritas em dísticos elegíacos, presupostamente escritas por heroínas que se dirigem a seus amantes. Das vinte e uma cartas em dísticos, dezoito apresentam um “eu” lírico feminino são elas as de números (I a XV, XVII, XIX, XXI) e nota-se que três (XVI, XVIII, XX) apresentam respostas à fala das heroínas.***

Na carta XVI das Heroides, Ovídio situa Páris já na terra de Menelau. Estando este ausente, por motivo de viagem ao reino de Creta, aproveita-se Páris para escrever a presente carta à Helena, onde fica patente a intimidade entre os dois amantes mesmo antes do rapto. Estava determinado que a bela Helena, filha de Leda e Júpiter, seria de

Páris. Era compromisso de Vênus em agradecimento à decisão arbitral que Páris, como juiz, tomou no concurso de beleza entre Juno, Palas Atenas e Vênus.

Dulce Venus risit: "Ne te, Pari, munera tangant  
Vtraque suspensi plena timoris, ait;  
Nos dabimus quod ames et pulcharae filia  
Ibit in amplexu pulchrior illatus."

(Her. XVI, p. 83-86)

Vênus ri docemente e diz: Oh! Páris, que estes presentes não te seduzam.

Um e outro estão repletos de incerteza e de medo. Eu te darei o que ames

e a filha da bela Leda irá para teus braços, ela que é mais bela que a própria mãe.

Há toda uma linguagem erótica envolvendo o amante Páris e o objeto do amor Helena completando o quadro amoroso que se desenvolve nas Heroides XVI e XVII, fazendo com que esta linguagem se torne um Hino de amor.

Na Heroides XVI, Páris tenta durante todo tempo persuadir Helena a acompanhá-lo a Tróia. Utiliza todos os meios para convencê-la. Fala da riqueza de sua pátria, da beleza de seus campos, da virilidade dos seus guerreiros e da hospitalidade que será ofertada à Helena. A fim de demovê-la definitivamente da atitude de recusa, Páris recorre ao fato de que, estando Menelau ausente, Helena, assim como ele, deita sozinha em seu leito nupcial e propõe à amada a união dos amantes.

Sola iaces viduotam longa noctecubili,  
In viduo iaceosolus et ipse toro:  
Te mihi mequetibicomuni agaudia iungant,  
Candidiormedionoxeritilla die.

(Her. XVI, p. 317-320)

Tu te deitas sozinha sobre um leito de viúva, durante a noite tão longa; sobre um leito de viúvo, eu próprio também repouso sozinho. Oxalá as alegrias comuns te unam a mim e me unam a ti. Esta noite será mais brilhante que o meio-dia.

A Heroides XVII é a resposta de Helena a Paris. Inicialmente dá-se a recusa da amada que se sente ofendida com a proposta de Paris.

Ausus es hospitium meritis, aduena, sacris  
Legitimam uitaesollicitare fidem."

Her. XVII, p. 5-6.

Ousaste, ó estrangeiro, profanado o caráter sagrado  
da hospitalidade, tentar a fé legítima de uma esposa".

A resposta de Helena é a exata réplica aos argumentos de Páris. Ostentando uma virtuosa indignação, ela contra-ataca todos os argumentos do amante. Helena o pretende, mas sua reputação e seu pudor lhe são caros. Ela é esposa de Menelau e teme abandoná-lo. Helena ora se oferece e contribui para inflamar o amado, ora se abandona ao seu instinto feminino e exprime, com suavidade, suas palpitações e seus pudores. Helena finge recusá-lo, mas quer entregar-se totalmente e deseja que a insistência de Páris vença suas últimas hesitações.

Rustica sim sane, dum non oblitapudoris,

Dumque tenor vitae sit sine labemeae.

Her.XVII, p.15-16.

Certamente desejo ser ingênua, desde que não me esqueça  
do pudor, e desde que o curso de minha vida seja sem mácula.

Nec tamen irascor (quis enim succenset amanti?).

Her. XVII, p. 37.

Entretanto não me irrito (quem, na verdade,  
se irritaria com quem ama?)

Discemeo exemplo formosis posse carere;

Est virtus placitis abstinuisse bonis.”

Her. XVII, p.99-100

Aprende, com meu exemplo, a saber, renunciar às coisas belas.  
É virtuoso abster-se dos bens que nos agradam?”

Assim, mais ainda que a Her. XVI, a epístola XVII é uma defesa perfeita. Agindo como uma excelente advogada, a heroína não deixa nenhum argumento de Páris sem réplica. Helena conhece e, conhece bem, a arte de retroceder os argumentos do adversário. Aqui, a arte do poeta se revela na composição da carta, onde a argumentação e a narração são como a epístola de Páris, habilmente entrelaçada, pela escolha e sutileza de certos argumentos, dentro da elegância muito feminina da esposa de Menelau.

Helena diverte-se com Páris. Se no início da Her. XVII, Helena pareceu não ceder a Páris, mais adiante, o fato de que ela consente em respondê-lo, mostra que a carta do troiano não lhe é indiferente.

Et uir abest nobis et tu sine coniunge dormis,

Inque vicem tua me, te mea forma capit;

Et longa noctes, et iam, sermone coimus,

Et tu, me miseram! Blandus, et una domus.

Ah! peream, si non invitant omnia culpam;

Nescio quo tardorsed tamen ipsa metum.

Quod male persuades, ut in ambenecogere posses!

Vi me rusticitas excutienda fuit.

Her. XVII, p. 181-188.

Meu esposo está longe de nós e tu dormes sem esposa e, por sua vez, tua beleza me cativa e a minha a ti. As noites são longas..., e, já com palavras estamos unidos. E tudesgraçada de mim!

És sedutor e habitamos o mesmo teto. Ah! que eu morra, se todas estas situações não me incitam ao pecado. Contudo, eu mesma não sei por qual temor sou contida. Oxalá tu possas persuadir-me pela força, o que não consegues peladelicadeza! Minha rusticidade deve ser vencida pela força.

À medida que se desenrola a argumentação, Helenadosa sabiamente seus efeitos, suas hesitações, seus arrependimentos e seus retrocessos. Helena deixa claramente entender que ela queria ceder a Páris. O leitor percebe a queda iminente da personagem. Helena ainda está retida, ou finge estar, por algum tempo, pelo pudor, pelo cuidado e pela reputação. Mas, o leitor pressente e sabe que estas barreiras morais são frágeis e que, finalmente, Páris não terá muita dificuldade em vencê-las. Assim, esta dosagem calculada de recursos e de esperanças mostra a elegância da amada, muito menos ingênua e simples do que pretende ser.

Helena sabe repreender Páris, todo excitado em lhe fazer a corte. Finge recusá-lo, mas quer entregar-se totalmente. Quer se fazer desejar com a esperança de que a insistência de Páris vença suas últimas hesitações. Ovídio mostra um final conhecido da psicologia feminina. Assim, o leitor esquece um pouco que os argumentos são, às vezes, muito espirituosos e muito nobres e as opiniões muito frequentes. A força do amor vence os obstáculos, pois Helena era um prêmio da deusa Venus a Páris.

. A promessa de Vênus concretiza-se. Helena entrega-se a Páris, assim estava determinado. E o Hino de Amor ecoa na alma dos amantes.

A Heroide XVII é, contudo, de uma verdade humana e profundamente poética. É um verdadeiro mimo, verídico e puro. Uma leitura detalhada e atenciosa nos mostra que ela é uma das melhores da coleção e, como não admitir, a melhor. Aquela que se torna uma fonte de entretenimento e de lazer. E, não devemos esquecer que faz parte de uma coleção de vinte e uma cartas escritas pelo gênio de Ovídio, do poeta que, entre o séc. I a.C. e séc. I de nossa era, nos legou uma obra de grande estilo escrita em sua mocidade e que, já nesta época revela a plena adesão à estética Alexandrina e que ao lado de Virgílio e Horácio escreveu obras que lhe legaram o nome à posteridade.

Para as Cantigas de Amigo da Idade Média, retiramos os textos abaixo de

#### MARTIN CODAX

Ai ondas que eu vinveer,  
se me saberedes dizer  
por que tarda meu amigo  
sen mi!

Aiondas que eu vin mirar,  
se me saberedes contar  
Por que tardia meu amigo  
senmi!

CV 890

Quantas sabedes amar amigo  
 treidescomig'alo mar de Vigo  
 ebanar-nosemos nas ondas.

Quantas sabedes amar amado  
 treidescomig'alo mar de Vigo  
 e banhar-nos emos nas ondas

Treidescomig'alo mar de vigo  
 eeveremo-lo meu amigo  
 e banhar-nos emos nas ondas  
 Treidescomig'alo mar levado  
 eeveremo-lo meu amado  
 e banhas-nos emos nas ondas

CV888

CBN 1282

Igualmente ao texto das *Heroides* de Ovídio, onde as *epistulae* são escritas em versos e endereçadas por heroínas da lenda e da história a seus amantes ou maridos e que são apresentadas pela ótica da mulher traída, abandonada, desprezada, casada à força, assassinas de seu amante, às vezes, também impulsionadas pelo amor proibidas, ansiosas pela vida do esposo, ou mesmo, titubeante entre os apelos da carne e a *fides* ao esposo ausente -*Heroides XVII*- encontramos as *Cantigas de Amigo*. Nestas, como naquelas, o poeta, os trovadores imaginavam como seriam as emoções do eu - lírico feminino em suas relações amorosas.

Nas Heroides, quem fala são as heroínas lendárias, nas Cantigas de Amigo; são as mulheres do povo. Estas mulheres são mais espontâneas que aquelas. Os seus sentimentos são mais declarados, o tratamento meu amigo aparece para adjetivar o ser amado. A linguagem das heroínas das Heroides é muito mais elaborada e burilada que a linguagem das Cantigas de Amigo. Há, porém, uma característica que as norteia: o caráter poético de ambas.

Para a nossa visão dos cantadores repentistas da região nordeste do Brasil, selecionamos as figuras das repentistas Minervina Ferreira e Mocinha da Passira as “Mulheres no Repente” do CD CPC-UMES/1999.



Minervina e Mocinha na nossa visão da arte dos desafios poéticos em versos que tiveram sua matriz oriunda na cultura greco-romana com os poetas Homero, Virgílio, Calpúrnio, Ovídio e outros, cujas obras clássicas: Idílios, Bucólicas e Heroides nos mostram claramente que a arte da cantoria ou dos desafios atravessou séculos, com as suas diferentes maneiras de cantar, desafiar, louvar, criticar, denunciar...

As “Mulheres no Repente”, vivendo o ambiente rústico do sertão favorece a diversos tipos de protestos, cantam seus desafios. Utilizam o refrão, tão utilizado nas Cantigas de Amigo da Idade Média. Na Heroides XVII este refrão faz-se presente no plano imaginário, nas paixões contidas, no querer entregar-se, na linguagem erótica que envolve os amantes, no Hino de Amor entoado, no desejo de seduzir e deixar-se seduzir, onde a luta entre a carne e a *fides* vai-e-volta, com um refrão que não permite que os amantes se esqueçam dos riscos que poderão sofrer.

Na peleja “A mulher de Hoje” em 4’38” Minervina Ferreira e Mocinha da Passira nos mostram uma mulher diferente daquelas das Heroides e das Cantigas de Amigo. Na mulher de hoje é o eu lírico feminino que denuncia, desafia, louva, critica. A mulher de hoje, na cantiga repentista, *amplia o seu espaço, em todos os cantos da vida* como se constata nos versos da peleja:

O espaço da mulher se amplia cada momento  
Desde da comerciária até a que faz medicamento  
Em relação ao passado  
Ai! Ai! Ui! Ui!  
Mudou noventa por cento  
[...]  
A mulher hoje é feliz  
Na busca da igualdade  
[...]

Luta de gênio de classe  
Mudando a realidade  
[...]  
Tem mulher fazendo musica p'ra gravar um CD  
Tem mulher que canta e gosta  
Ai! Ai!Ui!Ui!  
[...]  
Da política hoje se vê  
Que com o homem compete  
[...]  
Em todos os cantos da vida  
Ai! Ai! Ui!Ui!  
Ela está pintando o sete!  
[...]  
Se Deus não lhe defender  
Ai! Ai! Ui!Ui!  
Não tem maisquem lhe defenda.

## 2. Conclusão

Ao término de nossa abordagem, concluímos que desde os séculos mais remotos, o homem sentia necessidade de expressar seus conflitos internos de amores. Para isto, utilizava-se do jogo poético, da sedução, da luta por um futuro melhor. Tudo isto lançando mão da arte, da eloquência ou da retórica. Com os cantadores repentistas da região nordeste do Brasil, esta arte permanece viva em pleno século XXI e traduz de modo claro e popular a cultura de uma época.

A música de Minervina e Mocinha funciona como um alerta às transformações vividas pela mulher na sociedade.

Suas músicas, cantadas com voz altissonante atuam, neste ambiente hostil, como uma vitória das transformações vividas pela mulher na sociedade e atuam sempre e sonoramente como instrumento cantante e sério de uma denúncia social.

## 3- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Márcia. *Histórias de Cordéis e folhetos*. São Paulo: Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999
- ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. CARVALHO, Antonio Pinto de. Rio de Janeiro: Edição de Ouro, s/d.
- CONTINENTE, *Documento*. Ano I, n.ª 06, 2003. Pernambuco: Recife –janeiro/2003 – Companhia Editora de Pernambuco \_CEPE: A poesia popular do Nordeste.
- COUTINO FILHO, Francisco. *Violase repente: repentes populares, em prosa e Verso*; pesquisas folclóricas no Nordeste brasileiro. 2º ed. melh. Rio de Janeiro:

Editora Leitura. Brasília. INL, 1972. 333p.

FARIA, Ruth Junqueira de. *A época de Augusto: Maturidade poética de Roma*. O Século de Augusto. Tradução de Pierre Grimalin: Calíope. Presença Clássica. Jan/Jun,1985. Ano II, n. 2, p. 140-150.

FERREIRA, Minervina e PASSIRA, Mocinha. CD “*Mulher no Repente*”. CPC-UMES, 1999, faixa 1 “Mulher de Hoje”

GUILLEMIN, A. M. *LePublic et la Vie Lettéraire a Rome*. Paris: Les Belleslettres. 1937.

LAMARRE, Clovis. *Histoire de la littérature latine autempsd’Auguste*.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retória literária*. Elemento der litevvarischen Rhetorik. Trad. de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkiam. 1972.

LOPES, Eliana da Cunha. *Heroides XVI e XVII de Ovídio: Um hino de amor*. Rio de Janeiro. Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993. 213 p. Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Latina.

MARTIN, René & Gaillard, Jacques. *Lesgenreslittérairesà Roma*.Paris: Scodel. 1981.

MOTA, Leonardo. *Cantadores: Poesias e linguagem do Sertão Cearense*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978. 5ª ed. 308p.

OVID, *HEROIDES*. Textetraduit par Marcel Prévost. Paris: Les Belles Lettres. 1928.

OVID. Trechos selecionados e anotados pelo Pe. Dr. Bernardo H. Harmsen, Petrópolis: Vozes. 1962.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkiam 1983.

SALLES, Vicente. *Repente & Cordel, literatura popular em versos na Amazônia*. Rio de Janeiro: Funarte. Instituto Nacional do Folclore, 1985. 287p.

SILVEIRA, Jorge Fernando da (coord): *Antologia da Poesia Portuguesa*. Linhas Mestras. Tomo1. Idade Média. Faculdade de Letras. UFRJ.

STAIGER, Emil. *Estilo Lírico: A recordação in: Conceitos Fundamentais da Poética/ Grundbegriffe der Poetik*. Trad. de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1975.

VIARRE, Simone. *Ovide*. Essai de Lecture Poétique. Paris: Les Belles Lettres. 1976.